

CULTURAS POPULARES NO CARNAVAL: A NARRATIVA DE UMA COMUNIDADE ODS (11.4)

Sheila Cristina Cardoso dos Santos Ciola (Universidade de Taubaté)
Prof. Dra. Rachel Duarte Abdala (Universidade de Taubaté)

Resumo

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o Carnaval de São Luiz do Paraitinga, município localizado no interior do estado de São Paulo, cujo patrimônio cultural inclui casarões coloniais tombados pelo CONDEPHAAT e protegidos pelo IPHAN. Com uma rica diversidade de festividades ao longo do ano, o Carnaval se destaca por seu caráter comunitário e pela atração de turistas de diversas partes do Brasil e do mundo. A pesquisa aqui apresentada tem como objetivo analisar os valores culturais tradicionais desse evento, desde sua revitalização na década de 1980 até 2024, à luz das narrativas dos moradores luizenses. Em especial, a pesquisa se concentra na análise das expressões simbólicas dos blocos de rua, incluindo os bonecos gigantes e as marchinhas, elementos que conferem singularidade ao Carnaval de São Luiz do Paraitinga em comparação com outras regiões do Brasil, ao mesmo tempo em que evidenciam aspectos culturais profundamente enraizados na história local. Além disso, o estudo investiga o impacto das transformações globais no processo de ressignificação cultural das marchinhas e dos blocos. A pesquisa se fundamenta em uma revisão bibliográfica dos trabalhos de Alfredo Bosi, Michel de Certeau, Jacques Le Goff, Néstor Canclini e Milton Santos, cujas abordagens convergem na análise das relações sociais, da memória coletiva e dos processos de construção cultural. Esses autores fornecem suporte teórico indispensável para a compreensão dos valores culturais do Carnaval de São Luiz do Paraitinga, permitindo ainda uma reflexão crítica sobre os desafios e as possibilidades de preservação dessa manifestação, especialmente em relação às dinâmicas de desenvolvimento humano e transformação social no âmbito local.

Palavras-chave: Desenvolvimento humano; Carnaval; São Luiz do Paraitinga; Culturas Populares.

Introdução

Sede do maior conjunto arquitetônico tombado do estado de São Paulo, São Luiz do Paraitinga também é conhecida pela manutenção da cultura tradicional do caipira, manifestada na canção popular, nas artes visuais, na oralidade, nos ritos e no folclore. Cidade pequena e acolhedora, São Luiz do Paraitinga foi berço de alguns personagens importantes da cultura e da ciência brasileira, entre os mais

conhecidos, o médico sanitarista Oswaldo Cruz¹, o geógrafo Aziz Ab'Saber ²e o compositor Elpídio dos Santos³.

No século XVIII, já se tinha notícias de uma parada de tropas de bandeirantes na trilha dos Tamoios, mas é em 1769 que a povoação recebe o nome de Santo Antônio do Paraitinga, nome com que é elevada à condição de vila em 1773. Em 1857, já como cidade, São Luiz do Paraitinga não se consolida como um grande centro da produção cafeeira, mas exerce um importante papel de entreposto, funcionando como um elo entre as cidades do Vale do Paraíba e o porto de Ubatuba.

Segundo Santos (2015), mesmo o período áureo dos cafezais não corresponde à ideia de riqueza e opulência recorrente no senso comum, uma vez que a atividade cafeeira consumiu investimentos da elite agrária em expansão, mas

¹ Oswaldo Gonçalves Cruz nasceu em São Luiz do Paraitinga, no estado de São Paulo, em 5 de agosto de 1872. Em 1877, a família de Oswaldo Cruz decidiu migrar para o Rio de Janeiro, onde o pai montou uma clínica médica. Oswaldo Cruz, seguiu a carreira do pai, ingressando na Faculdade de Medicina, em 1886. Foi um médico, bacteriologista, epidemiologista e sanitarista com grande contribuição para a saúde pública no Brasil. Responsável por campanhas que extinguiram a febre amarela do Rio de Janeiro e promoveu a desratização da cidade no combate a peste bubônica. Também foi o idealizador da campanha de vacinação que resultou na Revolta da Vacina. Sua família era formada por seu pai, Bento Gonçalves, um médico; por Amália Tabora Bulhões Cruz, sua mãe; e por suas cinco irmãs, Eugênia, Amália, Alice, Noemi e Hortênsia. (Silva. Disponível em: < www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/oswaldo-cruz.htm > Acesso em: 20. Set. 2024)

² Aziz Nacib Ab'Saber, nascido em 24 de outubro de 1924 em São Luiz do Paraitinga, no interior de São Paulo, foi um importante estudioso da geomorfologia brasileira e um geógrafo proeminente na Geografia do Brasil. Filho de um mascate libanês e uma brasileira, ele se formou em Geografia e História e obteve seu doutorado em Geografia na USP. Desenvolveu importantes pesquisas em Geografia nas áreas de domínios morfoclimáticos e fitogeográficos brasileiros, Sertões do Nordeste, estudos amazônicos, superfícies aplainadas do Brasil e uma revisão das pesquisas sobre "desertificação" na Campanha Gaúcha de Sudoeste. (Universidade Federal de São Paulo. Disponível em: < www.cienciaecientistas.unifesp.br/cientistas/aziz-absaber > Acesso em: 20. Set. 2024)

³ Elpídio dos Santos, nasceu em 14 de janeiro de 1909, em São Luiz do Paraitinga. Foi um importante músico, tocador de violão, criador de valsas, sambas e dobrados. Desde criança, já aos 10 anos Elpídio tocava na banda Santa Cecília (Banda dos Ursos), em que o mestre era seu pai. Além de Músico, Elpídio também foi bancário na grande São Paulo, mas seu destaque era relacionado a arte da música, do qual. estudou canto orfeônico no Conservatório Paulista, formando-se em 1959. Lecionou em São Paulo no SESC do Carmo e na Escola 7 de Setembro e, de volta a São Luiz do Paraitinga continuou atuando na docência na Escola Municipal de Música de Taubaté (atual Escola Municipal Fêgo Camargo), na Escola Estadual Monsenhor Ignácio Gioia e na Escola Municipal João Ebran, estas duas em São Luiz. Elpídio era um músico admirado por Mazzaropi que lhe encomendava as músicas-tema para serem tocadas em seus filmes, totalizando 24 músicas para 22 filmes. Essa parceria terminou com a morte de Elpídio a 3 de setembro de 1970. Atualmente sua obra continua viva, cantada e tocada, por autores como Renato e Chico Teixeira, Almir e Gabriel Sater, Fafá e Mariana Belém, Zeca Baleiro, Zé Geral, Camilo Frade além de seu filho Negão dos Santos e Grupo Paranga. (Instituto Elpídio dos Santos. Disponível em: < www.elpidiodossantos.org.br/elpidio-dos-santos > Acesso em: 20. Set 2024)

sem gerar lucro efetivo, marcando o início de uma prolongada estagnação econômica. Segundo o pesquisador, a derrocada do café a partir de 1875 e a consequente perda de importância do porto de Ubatuba esfriaram o desenvolvimento de São Luiz do Paraitinga. Voltado para a cultura de subsistência e para a pecuária, o Alto Vale permanece isolado até o ano de 1969, quando a rodovia Oswaldo Cruz é pavimentada.

Allucci e Schicchi (2019) apontam que as condições geográficas de São Luiz do Paraitinga, entre serras e condicionada por eventuais enchentes, deixaram São Luiz do Paraitinga à margem do crescimento econômico, urbano e social que movimentava outras cidades do Vale do Paraíba.

Em 1967, concluída a pavimentação do trecho da rodovia Oswaldo Cruz que dá acesso a São Luiz do Paraitinga, reduziu-se o tempo gasto numa viagem a Taubaté de 4 horas para aproximadamente 50 minutos. Desde então o casario colonial e o extenso calendário de festas da cidade passa atrair visitantes, embora o turismo só tenha se consolidado como atividade econômica relevante no começo do século XXI, em grande parte como consequência da difusão do Carnaval de machinhas.

Ainda nos dias de hoje, São Luiz do Paraitinga se mantém à parte da vida acelerada do Vale do Paraíba industrializado, prevalecendo na cidade um cotidiano imerso de símbolos ligados à história do luizense que remetem às raízes do povo brasileiro.

As marchinhas do Carnaval luizense, constituem-se num fenômeno musical relativamente recente. Nasceram no começo da década de 1980, resultando de uma fusão do ritmo que embalava os cordões e salões do Rio de Janeiro nas décadas de 1930 e 40 com os tambores das Congadas e Moçambique da zona rural do Vale do Paraíba. Os temas recorrentes das canções são as particularidades do imaginário e do cotidiano local.

Segundo Silva e Vieira (2012), apesar de essencialmente inovadora, sincrética e cosmopolita, a marchinha luizense surgiu de uma confluência de fatores, como manifestação da cultura local. A inserção dos ritmos e da poesia da terra se dá de forma moderna e cosmopolita, ressignificando os símbolos do Carnaval de São Luiz do Paraitinga.

Pioneiro e revolucionário, o bloco Encuca a Cuca impressiona pela ousadia com que ressignifica o imaginário popular da cidade de São Luiz do Paraitinga e do Vale do Paraíba, propondo o resgate de lendas e "causos de assombração". Os personagens folclóricos se materializam em bonecos gigantes, que, juntamente com o bloco, saem em cortejo pelas ruas da cidade durante o Carnaval e os meses que o antecedem. O ponto de partida desse bloco remete a um discurso proferido décadas antes pelo padre da cidade: Monsenhor Ignacio Gióia⁴ teria proibido seus fiéis de pular Carnaval dizendo que nasceria rabo e chifre nos desobedientes. Desde então o mês de fevereiro passou em brancas nuvens em São Luiz do Paraitinga, até que em 1980 o compositor Luiz Homero Ivo dos Santos⁵ escreve a marchinha "Rabo e Chifre", marco zero do Carnaval luizense, que além de provar que a ameaça do clérigo era vazia, abriu caminho para outras lendas do imaginário popular, a Cuca, a Cobra Grande e a Porca dos Sete Leitões, que não tardaram a receber sua homenagem em forma de marchinha.

Em geral, cada bloco tem um nome que envolve o imaginário do povo, relacionado a personagens de destaque da história da cidade – assombração, fauna local, folclore, modo de vida rural.

No bloco do Caetê, a cultura e os modos de produção do caipira se materializam na preparação da pamonha. O mesmo se dá na canção "Dona Maria", marchinha em que faz belas menções à canjiquinha, ao afogado e à pinga luizense.

Silva e Vieira (2012) apontam que dos anos 1990 em diante, os cordões se multiplicam com diferentes temas: Juca Teles homenageia a cultura popular e o folclore; Balacobaco reforça o elo entre as festas pagãs da Grécia Antiga e o

⁴ Ignácio Gióia nasceu em Castelluccio Inferiore, Província de Potenza, na Itália Meridional. Veio como missionário para o Brasil, em 1900. Dom Epaminondas Nunes D'Ávila e Silva, primeiro bispo de Taubaté, nomeou o padre Ignácio Gióia como Pároco de São Luiz do Paraitinga em 12 de julho de 1912, e em 1933 recebeu o título de Monsenhor. Atuou durante toda a sua vida de pároco em São Luiz do Paraitinga, até sua morte em 1961, deixando o legado da reconstrução da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, que em 2021 completou 100 anos (Diocese de Taubaté. Disponível em: <www.diocesedetaubate.org.br/60-anos-do-falecimento-de-monsenhor-ignacio-gioia> Acesso em: 20. Set 2024).

⁵ Professor aposentado de Artes, compositor luizense, músico e fundador do Bloco Encuca a Cuca, com bonecos que representam histórias de assombração, folclóricas da região do Vale do Paraíba e lendas de São Luiz do Paraitinga. Atualmente busca resgatar essa tradição para além do carnaval, do qual criou o Museu Encuca a Cuca localizado no centro do município de São Luiz do Paraitinga para visitas. (Silva e Vieira, p.122-123; Mundo Enkuka a Kuka. Disponível em: <www.instagram.com/mundoenkukakuka?igsh=b2JzMnp2MzRvZGU5> Acesso em: 20. Set. 2024)

Carnaval de rua; Cruz Credo, Bico do Corvo e Pé na Cova abordam a temática da morte com bom humor e leveza. Possivelmente o mais popular dos blocos atuais, o Barbosa canta os perigos das curvas da Rodovia Oswaldo Cruz, desde 1967 o elo entre São Luiz do Paraitinga e o mundo moderno.

Para Guimarães e Barja (2016), dos gêneros da nossa música popular, a marchinha é o mais flexível, adaptável e afeito à reterritorialização, ou seja, é um produto cultural que se expande para além do Rio de Janeiro da primeira metade do século XX, sua sonoridade e temática incorporando especificidades de novos contextos espaciais e temporais.

Nas últimas décadas, a crescente exposição do Carnaval de São Luiz do Paraitinga nos meios de comunicação contribuiu significativamente para o aumento do fluxo turístico, impactando o cotidiano e a identidade dos moradores, bem como a expressão musical das marchinhas, os trajetos nas ruas, as demandas logísticas e de infraestrutura do poder público, além das relações dos luizenses com o comércio sazonal e o turismo. A presente pesquisa investiga, por meio das narrativas dos moradores, os valores culturais do tradicional Carnaval e a expansão do turismo, considerando o impacto da modernidade na cultura popular, com ênfase na preservação da identidade local e na valorização dos aspectos materiais e imateriais da cultura de São Luiz do Paraitinga.

Revisão da literatura

A revisão de literatura está sendo conduzida por meio de uma revisão narrativa, com enfoque em questões relacionadas à cultura popular e à identidade cultural no contexto atual, marcado pela influência da globalização. Para embasar teoricamente a análise, foram adotadas as contribuições de Alfredo Bosi, Michel de Certeau, Néstor Canclini e Milton Santos, cujas obras oferecem perspectivas fundamentais para a compreensão das dinâmicas culturais contemporâneas. Este artigo apresenta parte da pesquisa em desenvolvimento, propondo uma reflexão sobre como a cultura tradicional de São Luiz do Paraitinga interage com a modernidade, explorando as tensões e ressignificações culturais que permeiam a apropriação do espaço urbano, a criação das canções e fantasias dos blocos de Carnaval. Nesse contexto, serão abordadas definições de cultura que se mostram relevantes para a análise proposta.

Em seu estudo sobre as “culturas brasileiras”, Bosi (1992) parte da ideia de que não há uma cultura brasileira singular, mas uma pluralidade resultante das dinâmicas entre as culturas erudita, popular, de massa e criadora. Essa multiplicidade se reflete nas práticas dos diferentes grupos sociais, seus modos de vida e produtos culturais específicos.

Quando abordamos o tema da cultura, sobressai a ideia de costumes, tradições, valores de uma sociedade. Verifica-se, porém, que o conceito se expande em diferentes abordagens, cada uma ajustada às especificidades de sua área de conhecimento — Antropologia, Sociologia, Economia, Políticas Públicas etc. Botossi (2020) argumenta que o termo cultura é multifacetado e que, embora essas perspectivas contribuam para a complexidade da análise, tornam impossível a fixação de um conceito único.

A ideia de pluralidade cultural apresentada por Bosi (1992) permite o entendimento das formações institucionais do Estado, a cultura escolar e a cultura de massa desempenhando papéis centrais na produção e circulação de bens simbólicos. Estes não se limitam ao aspecto econômico, afetando a sociedade também no que toca ao pensamento e ao comportamento. Longe de ser apenas um reflexo das condições materiais da sociedade, as manifestações da cultura nas práticas institucionais e sociais apresentam-se como um elemento ativo na formação do desenvolvimento humano, exercendo sua influência sobre os processos educativos, mas sobretudo atuando na formação da identidade cultural de um povo. A função estruturante da cultura atua na mediação das relações entre o indivíduo e o coletivo.

A concepção clássica antropológica mencionada por Bosi (1992) vincula à cultura o imaginário de um povo, as manifestações coletivas obedecendo a regras e normas sociais, compreendendo a cultura, não apenas como um conjunto de bens materiais, mas como um sistema simbólico compartilhado. Cândido (2003), por sua vez, examina as celebrações religiosas, as canções e os modos de produção do caipira enquanto elementos simbólicos plasmados à identidade coletiva.

Em São Luiz do Paraitinga, podemos observar como os modos tradicionais de produção vinculam-se a um sistema simbólico compartilhado, a cultura moldando a identidade e dando coesão social ao luizense. No Carnaval, por exemplo, o ritmo, as

letras das marchinhas, os bonecos gigantes, as danças e os adereços dos foliões remetem ao imaginário popular, aos valores, ao conjunto de crenças e narrativas que constituem a identidade do luizense.

Em *A História Concisa da Literatura Brasileira*, Bosi (2012) apresenta a ressignificação da cultura popular brasileira pelo grupo modernista, encabeçado por artistas como Di Cavalcanti, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Villa-Lobos, entre outros. Para Bosi, a Semana de Arte Moderna de 1922 marca uma nova postura na busca pela identidade nacional, que se afasta das tradições europeias, voltando-se para as raízes culturais do Brasil. A atitude dos modernistas libertava a cultura brasileira do paradigma dos estudos de cultura sob a vertente evolucionista, que entendiam a cultura popular e as manifestações folclóricas como residuais das culturas que deram origem a população brasileira, seja ela escrava, cabocla, negra, indígena ou também portuguesa arcaica. Tais culturas, se reproduziram sob a influência da dominação, no foco do contexto histórico de colonização a que o Brasil estava condicionado. Sob certa vertente culta e ocidental, essa situação de dominação vinculava a cultura popular ao atraso material e científico das sociedades pré-industriais. Avançando para a segunda metade do Século XX, Bosi (1992) se volta para as tensões entre cultura popular e cultura de massa, destacando a necessidade de se conceber estudos sob uma nova perspectiva, que abordasse as diferentes formas de cultura sem preconceitos ou distorções:

[...] O problema se complica hoje em dia quando precisamos considerar as imbricações que ocorrem entre a cultura popular e a cultura de massa (ou popularesca, na expressão de Mário Andrade), ou ainda entre a cultura popular e a cultura criadora dos artistas. Urge cavar, em última análise, uma teoria da aculturação que exorcize os fantasmas elitista e populista, ambos agressivamente ideológicos e fonte de arraigados preconceitos [...]. (Bosi, 1992, p.324)

Bosi (1992) destaca que a cultura popular deve ser compreendida como um todo indivisível. De acordo com o autor, os elementos simbólicos e as razões simbólicas são indissociáveis e coexistem de forma integrada. A separação entre o

material e o simbólico não captura a complexidade e a coesão interna da cultura popular, que, fragmentada, compartimentada, perde sua significação.

Em suas canções, danças, figurinos e artes visuais, o Carnaval de rua de São Luiz do Paraitinga apresenta o modo de viver do caipira, suas relações com a terra, com as ruas da cidade, a representação simbólica perfazendo caminhos que remetem ora à apropriação do espaço urbano, ora aos modos tradicionais de produção. Silva e Vieira (2012) destacam esses aspectos na canção tema do Bloco do Caipira:

Boto o pé na bota e vou pra cidade
No carnaval
Vou extrapolar porque é feriado
Decreto nacional
A rua tá “enfestada” de alegria e de paixão
Eu largo da minha roça
Mas o meu broto
Eu não esqueço não!
Lá laiá laiá...
Lá laiá laia ...

Fonte: Silva e Vieira, 2012, p. 152.

Na canção tema do Bloco do Caipira, o Carnaval impulsiona o eu lírico para uma outra dimensão temporal, o caminho para uma enunciação a uma área de contato da cultura tradicional do caipira com o cotidiano e a apropriação do tempo no espaço urbano.

Silva (2011, p. 29) define que “[..] é fundamental considerar a cultura como produto da ação humana e como produtora dessa ação, enquanto cultura incorporada e enquanto atribuição de significados [...]”. Essa ideia vai de encontro com o que se observa na cultura de São Luiz do Paraitinga, especialmente no que toca alguns rituais da Festa do Divino, quando as crenças e símbolos de caráter popular projetam-se para as práticas sociais e as técnicas, afirmando-se como produtos da ação humana e seus produtos. Em muitos pontos do Brasil, a festa religiosa do Divino é marcada pela presença de símbolos como a bandeira e a distribuição do afogado. Na bandeira do Divino prendem-se fitas, cada nó correspondendo a uma graça, uma intercessão divina. No *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Cascudo (1979) enfatiza a riqueza simbólica presente na Festa do Divino, destacando o papel das bandeiras como reforço dos laços de solidariedade dentro da comunidade. As fitas também desempenham um papel central, criando uma conexão simbólica entre o devoto e a

divindade, ao mesmo tempo em que fortalecem a identidade coletiva e o sentimento de pertencimento à comunidade. Essa simbologia resgata e reafirma a coesão social e os valores culturais compartilhados pelos participantes da festa.

Santos (2016), aborda a distribuição do afogado, cuja importância excede a alimentação, a partilha reforçando a coesão social, os valores de cooperação e a generosidade. Em São Luiz do Paraitinga, os membros da comunidade cooperam para a preparação do afogado com ingredientes ou trabalho, o prato sendo preparado em grandes tachos e distribuído a todos, especialmente aos mais pobres.

[...] cultura popular, relaciona modos de viver: o alimento, o vestuário, a relação homem mulher, a habitação, os hábitos de limpeza, as práticas de cura, as relações de parentesco, a divisão das tarefas durante a jornada e, simultaneamente, as crenças, os cantos, as danças, os jogos, a caça, a pesca, o fumo, a bebida, os provérbios, os modos de cumprimentar, as palavras tabus, os eufemismos, o modo de olhar, o modo de sentar, o modo de andar, o modo de visitar e ser visitado, as romarias, as promessas, festa de padroeiro, o modo de criar galinha e porco, os modos de plantar feijão, milho e mandioca, o conhecimento do tempo, o modo de rir e de chorar, de agredir e de consolar... [...] (Bosi, 1992, p. 324).

Já no contexto de Carnaval, na canção "Dona Maria", os compositores apresentam um recorte do cotidiano que evoca a vida comunitária, os rituais e os hábitos do povo de São Luiz do Paraitinga.

Dona Maria
Que é que tem pro carnaval?
Tem canjiquinha, afogado
Abobrinha, com quiabo
Ovo frito, bem passado
E uma pinga do seu lado

Fonte: Frade et al. Dona Maria. Paranga. Disponível em: <www.lettras.mus.br/paranga/dona-maria/>. Acesso em: Set. 2024.

Corroborando a análise de Bosi (1992), a celebração do Carnaval e o preparo dos pratos caipiras, como canjiquinha, afogado e ovo frito, e até mesmo a cachaça, são partes de um todo, havendo uma conexão íntima entre modos de viver, alimentação, vestuário, crenças, cantos e danças.

Na medida em que oferecem uma perspectiva abrangente sobre as interações entre os indivíduos e o ambiente urbano, as ideias de cultura de Bosi (1992) e de

Certeau (1998) se complementam. A marchinha "Compasso de espora" remete ao ato de caminhar como uma enunciação, as práticas sociais atribuindo significado ao cenário de ruas, casarios e igrejas.

Cara, olha bem na passarela
Há tantas delícias na Barão
Esse negócio de beber junto com ela
Não vai dar certo
Tá cheirando a confusão
Essa menina tá de rabo preso com o Tonhão
Dizem que o moço agarra o boi a unha no curral
Se ele flagra te avacalha o Carnaval

Fonte: Frade e Ribeiro. Compasso de Espora. In: Spotify, Grupo Paranga – Porque hoje é Carnaval, 1993. Suporte: 6 minutos. Disponível em:
<www.open.spotify.com/album/4LdzLsDF9uED6ZzVMiHr56?si=ynNagiPORceYnty7UqeMHq>.
Acesso: Set.2024

Os compositores da marchinha, caracterizam a passarela como um espaço de interação, uma arena onde encontros, celebrações, desejos, tensões e conflitos podem acontecer. A passarela passa sobre o Rio Paraitinga e dá acesso à Rua Barão do Paraitinga, último trajeto dos blocos de Carnaval antes de chegar à Praça Oswaldo Cruz, diante da Igreja Matriz. A simples descrição do espaço que a canção evoca diz muita coisa sobre a significação que o luizense atribui a esse trajeto, indo de encontro com o que o autor de *A Invenção do Cotidiano* chama de apropriação do espaço pelas práticas sociais.

O ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (*speech act*) está para a língua ou para os enunciados proferidos. Vendo as coisas no nível mais elementar, ele tem com efeito uma trílice função “enunciativa”: é um processo de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre (assim como o locutor se apropria e assume a língua); é uma realização espacial do lugar (assim como o ato de palavra é uma realização sonora da língua); enfim, implica relações entre posições diferenciadas [...] O ato de caminhar parece portanto encontrar uma primeira definição como espaço de enunciação. (Certeau, 1998, p. 177).

Quando se olha a cidade como um cenário de câmbio de práticas cotidianas e de expressões culturais, é possível compreender os indivíduos como atores no processo de transformação e recombinação da cultura. Bosi (1992) define a cultura

como um fenômeno dinâmico e multifacetado, sempre sujeito a condicionantes de cunho histórico, social e político.

A marchinha luizense apresenta-se também com foco do cotidiano para temas da política nacional. No bloco da Coruja, o cortejo de foliões carrega placas confeccionadas manualmente, com papelão ou cartolina, exibindo frases que instigam a reflexão sobre temas como corrupção, má administração dos bens públicos, desigualdade econômica e social. A Coruja simboliza o bom governador que não “dorme” para o mundo progredir. Silva e Vieira (2012, p. 133) descrevem-na como "Governanta da noite e rainha de poderes especiais, possuindo visão noturna e simbolizando a Sabedoria. Ela tem a capacidade de vigiar o mundo macabro, contemplando, espiando e segredando a magia da noite quando esta é mais noite." Esses atributos vinculam os poderes da Coruja, tanto no mundo natural quanto no imaginário popular, ao político honesto, competente e consciente de seu papel como figura pública.

Figura 1: Bloco da Coruja, São Luiz do Paraitinga-SP, Carnaval de 2018



Fonte: Arquivo da autora. Fev. 2018.

Nos estudos sobre cultura, Montero (2003) destaca que, sob a perspectiva da Antropologia influenciada pela tendência marxista, havia uma preocupação com o impacto da expansão da vida urbana moderna. O êxodo rural poderia levar ao desaparecimento das tradições culturais. Como Montero (2003, p. 2) menciona: “[...] assim, muito antes que se falasse em globalização, o crescimento das cidades

levantava o temor de que formas tradicionais de expressão cultural desaparecessem submergidas ao modo de vida urbana [...]”. Apesar das pressões urbanas e da modernização, as tradições culturais de São Luiz do Paraitinga se mantêm vivas, as festas populares e práticas culturais não necessariamente opondo resistência ao novo, mas moldando-se às mudanças urbanas. Montero (2003) destaca que, com o crescimento das cidades e o êxodo rural, havia um temor de que as tradições culturais se perdessem ou fossem eclipsadas pelo modo de vida urbano, o que evidenciaria desenraizamento ou aculturação. Mas a tendência de desaparecimento não se confirma na medida que a cultura popular local consegue se manter ativa e relevante a partir da ressignificação de seus elementos tradicionais.

De acordo com Santos (2015), a cultura popular de São Luiz do Paraitinga, embora mantenha práticas tradicionais, é dinâmica e aberta a novos símbolos, incorporando influências externas, adaptando-se e evoluindo diante das mudanças sociais e da modernidade. Nas festas e no cotidiano das comunidades luizenses, a cultura popular se apresenta moldada, mas não aculturada. O próprio Carnaval nos oferece um exemplo dessa dinâmica: do primeiro decênio do século XXI em diante, a massa de turistas nas ruas da cidade impõe adaptações na logística dos blocos interferindo na identidade visual e na relação dos músicos com o público, a incorporação do caminhão de trio elétrico sendo a que melhor simboliza o Carnaval dos novos tempos em contraste com os tradicionais cortejos dos blocos “pé no chão”. A adesão ao “trio-elétrico” alinha o Carnaval luizense com o modelo vigente em boa parte das cidades turísticas do Brasil, com destaque a Salvador, na Bahia, mas as marchinhas, os temas das fantasias e as danças não se descolam da tradição.

Figura 4: Caminhão “trio elétrico” no Bloco Juca Teles



Fonte: Arquivo da autora. Fev.2024.

Santos (2015) destaca a relação da modernidade com a tradição:

[...] Seja pelos desafios do turismo, das tentativas de intervenção ora por instituições religiosas, ora pela administração pública nas festividades locais, não se busca simplesmente o impacto da modernidade sobre o que ali se faz. Há continuidade de produção cultural daquela comunidade que muda, é modificada e transforma a modernidade [...] (Santos, 2015, p. 35)

A cultura popular de São Luiz do Paraitinga mantém-se dinâmica e em constante transformação, o próprio luizense sendo personagem central desse processo, seja atuando pela preservação das tradições, seja adaptando-se ao que vem de fora. Nesse processo, ele supera as tensões com a modernidade ressignificando suas práticas culturais, as concessões ao contemporâneo sendo parte de uma “tática”, conforme Certeau (1998) se refere, para reafirmar sua identidade e fortalecer o vínculo com suas raízes.

Método

A pesquisa em andamento é de natureza qualitativa transversal, indo de encontro com o método de Minayo (2014), em que a definição clara do objeto e a

elaboração de instrumentos adequados são fundamentais para a construção de relações, observações e narrativas a partir de múltiplas perspectivas. O instrumento principal utilizado nesta pesquisa é a entrevista semiestruturada, adotada por critério de conveniência. A pesquisadora, tendo vivido sua infância e juventude em São Luiz do Paraitinga e mantendo uma relação próxima com a comunidade local, encontra-se em uma posição privilegiada para captar as nuances das opiniões e narrativas dos participantes, o que favorece a coleta de dados em consonância com os objetivos do estudo.

O grupo de participantes desta pesquisa foi composto a partir dos seguintes critérios de inserção: 1) identitário: ser luizense e morador da cidade, 2) geracional: considerando as faixas etárias de jovens, adultos e idosos: jovens de 15 a 17 anos; adultos de 20 a 59 anos, e idosos de 60 ou mais anos, de acordo com definições de faixa etária do IBGE; 3) localização das residências dos moradores: moradores da zona urbana central e periférica (sendo considerado morador central aquele que reside no centro histórico, e periférico aquele que não reside no centro histórico); 4) profissão e atividades desenvolvidas na cidade, não excluindo ninguém, apenas apresentando a atividade que cada um exerce. Esses critérios foram definidos buscando-se abranger diversos olhares sobre o Carnaval a partir de diferentes pontos de vista.

A partir dos critérios de inserção descritos, a quantidade de participante a qual a pesquisa está sendo desenvolvida são de oito pessoas: dois idosos (moradoras periféricas e artesãs) ; cinco adultos (1 - moradora periférica e funcionária pública temporária, 2 - morador periférico, funcionário público efetivo e artista, 3 - morador periférico, comerciante e artista, 4 - , moradora do centro e comerciante, 5 - morador do centro e historiador) e uma jovem (moradora periférica, estudante do Ensino Médio). Finalizando a coleta com esses participantes.

A técnica de pesquisa adotada foi a história oral, de acordo com Ribeiro (2021), no trabalho de história oral é importante o pesquisador construir um olhar focado nas experiências, subjetividades, memórias, identidades dos participantes e a partir dessas observações refletir para a construção de narrativas. A construção das perguntas do questionário semiestruturado foi elaborada considerando o problema do projeto e os objetivos que se pretende obter respondendo ao problema.

Após a aprovação no Comitê de ética foi realizado contato com a primeira participante, para convidá-la a participar da pesquisa, de modo individual, com data e horário definidos de acordo com a disponibilidade da pessoa e no ambiente que a pessoa se sentiu mais confortável, podendo ser na sua residência ou em outro local onde o participante se sentiu mais confortável. Logo após as entrevistas gravadas foram realizadas a transcrição das falas dos participantes, analisando-as para a construção das narrativas. Ribeiro (2021), aponta que ao se analisar as narrativas de história oral, o pesquisador deve estar aberto a aprender com os dados, que o pesquisador ao interpretar as narrativas, as partes e o todo devem ser lidos em conjunto, de forma dialética e sem que haja recortes. Desse modo, estão sendo analisadas as narrativas da dissertação possibilitando que o leitor conheça a fala toda do entrevistado, favorecendo ao leitor a compreensão sobre os significados do Carnaval de São Luiz do Paraitinga de acordo com o luizense.

A análise de dados está sendo conduzida por meio da técnica de triangulação, pois permite que as narrativas sejam analisadas em relação ao material empírico e à produção teórica de autores que investigaram temas correlatos. Conforme destacado por Marcondes e Brisola (2014), essa técnica é crucial para garantir uma investigação robusta, uma vez que promove um diálogo entre os dados coletados e as teorias que abordam questões pertinentes à análise de narrativas. Dessa forma, a triangulação contribui para uma interpretação mais abrangente e aprofundada dos fenômenos estudados.

Resultados e Discussão

A pesquisa apresenta os resultados das análises investigativas sobre a narrativa que o luizense tem em relação a umas das maiores manifestações culturais do município: o Carnaval.

Busca-se analisar o que o Carnaval representa para o povo luizense, seus valores culturais em relação às expressões simbólicas dos blocos de rua e ao processo de composição de canções. Ao analisar os relatos dos participantes, observa-se que de modo geral, eles reconhecem o valor cultural do Carnaval, identificando-se com os símbolos representados no Carnaval. Em muitas falas sobressaem os sentimentos de orgulho e de pertencimento em relação à cultura do Carnaval, o que fica evidente na recorrência do possessivo “nosso” tendo como

referente a expressão “Carnaval”. Alguns destacam a importância da tradição musical marcial e de elementos de outras festividades, como a Festa do Divino, presente no Carnaval. O religioso e o profano se conectam e se destacam no Carnaval de São Luiz do Paraitinga.

Conclusão

A partir do problema de pesquisa que investiga o Carnaval de São Luiz do Paraitinga, marcado nas últimas décadas por uma expressiva ampliação do contingente de turistas e por um processo de hibridação cultural, busca-se, por meio das narrativas dos moradores, compreender como o luizense interpreta o Carnaval, considerando sua importância cultural, econômica e social. A análise dos relatos revela que a maioria dos luizenses se identifica fortemente com o evento e reconhece sua relevância e riqueza cultural. Durante as entrevistas, os participantes destacam a importância dos símbolos e das manifestações expressas nas canções e nos blocos de rua, evidenciando a conexão dessas práticas com o cotidiano local, o que ressignifica os valores da cultura popular. As análises também apontam para um tensionamento no sentimento de pertencimento dos moradores, provocado pelo aumento do turismo, levantando questões sobre a preservação da identidade cultural diante desse crescimento.

Conforme observado pela maioria dos participantes, a história do Carnaval das Marchinhas de São Luiz do Paraitinga está plasmada à formação identitária de seu povo. Nos relatos observa-se que o Carnaval emerge como uma fonte de inspiração e realização artística, permitindo que a história cultural do povo luizense seja contada repetidamente através das canções e dos bonecos gigantes que desfilam pelas ruas.

Alguns participantes ressaltam que o Carnaval também desempenha um papel significativo para a formação cultural e identitária das novas gerações: crianças luizenses encantam-se com os bonecos, interagem com as canções e demonstram curiosidade em conhecer a história por trás dessas figuras, o que contribui para o fortalecimento da identidade cultural local.

Relatou-se que o crescente destaque do Carnaval de São Luiz do Paraitinga ao longo dos anos, aliado ao aumento do número de turistas alheios aos valores

culturais locais, resultou em situações que, além de provocar desconforto e insegurança, inibiram a participação dos moradores no evento.

Em contrapartida, para alguns, a massificação do Carnaval gerou oportunidades econômicas relevantes, especialmente para comerciantes e residentes que adaptaram suas casas para comércio temporário ou locações de temporada, aguardando com expectativa essa época do ano.

Alguns participantes observaram que, nos últimos anos, o turismo durante o Carnaval tem se desenvolvido de maneira mais planejada, algumas ações alinhando-se, inclusive, com o conceito de turismo sustentável. Há uma expectativa de que esse progresso se mantenha, com a continuidade das iniciativas que visam preservar e transmitir os valores culturais do Carnaval de São Luiz do Paraitinga às novas gerações. Destacou-se também a relevância do papel das escolas na formação desse conhecimento, uma vez que, conforme apontado nas entrevistas por eles, "o luizense é o seu maior patrimônio".

Enraizado na cultura local, o Carnaval de São Luiz do Paraitinga desempenha um papel essencial na construção da identidade luizense, os símbolos e as manifestações culturais, como as marchinhas e os bonecos gigantes, ajudando a manter viva a história e as tradições da cidade. No entanto, o crescimento do turismo tem gerado tensões, especialmente em relação ao sentimento de pertencimento dos moradores e à preservação de sua identidade cultural. Enquanto alguns veem no aumento do turismo uma ameaça à autenticidade do evento, outros reconhecem as oportunidades econômicas que surgem, particularmente em um contexto de desenvolvimento turístico mais planejado e sustentável. A expectativa de continuidade dessas iniciativas, aliada ao papel fundamental das escolas na transmissão dos valores culturais, aponta para a possibilidade de manutenção do legado cultural do Carnaval e de seu papel para a formação identitária do luizense.

REFERÊNCIAS

ALLUCCI, R. R.; SCHICCHI, M. C. S. *São Luiz do Paraitinga: o imaginário fundacional e suas projeções*. Estudos de cultura material. An. mus. paul. 27 • Jul-Sep 2019. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/1982-02672019v27e15> >. Acesso em: 15 abr. 2023

_____. Amácio Mazzaropi, ator, produtor e diretor paulista. UOL Educação, 2011. Disponível em:< www.educacao.uol.com.br/biografias/amacio-mazzaropi.htm>.

Acesso em: Set. 2024

BOSI, A. Dialética da colonização. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOTOSSI, Jenifer da Silva. *A dimensão da cultura na construção do desenvolvimento local: análises e perspectiva sobre economia criativa em Taubaté*. 2020. Dissertação (Mestrado em Gestão de Desenvolvimento Regional) – Faculdade de Gestão e Negócios, Universidade de Taubaté, Taubaté, 2020BRISOLA, E. M. A; MARCONDES, N. A. V. Análise por triangulação e métodos: um referencial para pesquisas qualitativas. In Revista UNIVAP on line. V. 2, n. 35, 2014.

Disponível em:< <https://revista.univap.br/index.php/revistaunivap/article/view/228>>.

Acesso em: 2 jun. 2023

CASCUDO, L. C. Dicionário do Folclore Brasileiro. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, Mec. 1979.

CANCLINI, Néstor García. Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p.18-30: Culturas híbridas, poderes oblíquos. Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2522357>>. Acesso em: 2 jun. 2023

CANDIDO, A. Os Parceiros do Rio Bonito. 8 ed. São Paulo: Editora 34, 1997.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=303146>> . Acesso em: 10 abr. 2023

FRADE ET AL. Dona Maria. Paranga. Disponível em: <www.letras.mus.br/paranga/dona-maria/>. Acesso em: Set. 2024.

FRADE E RIBEIRO. Compasso de Espora. São Luiz do Paraitinga – SP. In: Spotify, Grupo Paranga – Porque hoje é Carnaval, 1993. Suporte: 6 minutos. Disponível em: <www.open.spotify.com/album/4LdzLsDF9uED6ZzVMIHr56?si=ynNagiPORceYnty7UqeMHg>. Acesso: Set. 2024

GUIMARÃES, A. C. M., & Barja, P. R. (2016). A reterritorialização da Marchinha: O carnaval “caipira” de São Luís do Paraitinga. *Revista Extraprensa*, 9(2), 128-141. <<https://doi.org/10.11606/extraprensa2016.116809>> Disponível em: 14 de mar. 2023

INSTITUTO MOREIRA SALES – IMS. Confraria Carnaval. 2020. Disponível em: <www.ims.com.br/eventos/confraria-carnaval-as-marchinhas-de-sao-luiz-do-paraitinga-ims-paulista>. Acesso em: Set. 2024.

MYNAYO, Maria Cecília de S.; SANCHES Odécio. Quantativo-Qualitativo: Oposição ou Complementariedade? Caderno de Saúde Pública. Rio de Janeiro, set. 1993. P. 239-262

MONTERO, Paula. Cultura e comunicação: a tradução cultural e a re-invenção da etnicidade. In: Desafios da comunicação, Petrópolis: Vozes, 2003, cap. 12, p. 143-154

MUNDO ENKUKA KUKA. Visita dos alunos da escola Notre Dame da cidade de Campinas. São Luiz do Paraitinga. 12 de maio. 2024. Instagram: @mundoenkukakuka. Disponível em: <www.instagram.com/mundoenkukakuka?igsh=b2JzMnp2MzRvzGU5>. Acesso em: Set. 2024

RIBEIRO, S. L. R. NARRATIVAS E ENTREVISTAS E PESQUISAS QUALITATIVAS: história oral como possibilidade teórico-metodológica. Revista Ciências Humanas, [S.l.], v.14, n. 1, 2012. DOI: 10.32813/2179-1120.2021.V14.N1.A724. Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/724>>. Acesso em: 15 jun. 2023

SANTOS, D. M. *Os Sentidos da Patrimonialização no processo de reconstrução de São Luiz Do Paraitinga*. 2016. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano) – Universidade de Taubaté, Taubaté, 2016. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3269976> . Acesso em: 5 mai. 2023

SANTOS, J. R. C.C. *A cultura como protagonista do processo de reconstrução da cidade de São Luiz do Paraitinga/SP*. 2015. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <[doi10.11606/T.8.2016.tde-11042016-105654](https://doi.org/10.11606/T.8.2016.tde-11042016-105654)>. Acesso: em 5 mai. 2023

SILVA, A. L. *A conveniência da cultura popular: um estudo sobre a pluralidade de domínios, danças devocionais e a ação dos mestres no Vale do Paraíba*. 2011. Tese

(Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

SILVA, D. L.; VIEIRA, M. A. F. *Sem Rabo e Sem Chifre*. 1. ed. São Paulo: Edição do Autor, 2012.

SILVA, D. N. Oswaldo Cruz. História do Mundo. Disponível em: <www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/oswaldo-cruz.htm>. Acesso em: Set. 2024.

UNIFESP. Aziz A'BSaber: Geógrafo que contribuiu para a compreensão da geomorfologia dos biomas brasileiros. Ciência e Cientistas brasileiros. Disponível em: <www.cienciaecientistas.unifesp.br/cientistas/aziz-absaber>. Acesso em: Set. 2024.

VITUNO, J. A amostragem em bola de neve em pesquisas qualitativas: um debate em aberto. Temáticas, Campinas, SP, v.22, n.44, p. 203-220, 2014. DOI: 1020396/temáticas.v22i44.10977. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/temáticas/article/view/10977>>. Acesso em: 17 jun. 2023.